

## **Corpo, consumo e bioidentidades: trajetória de pesquisa e perspectivas analíticas na formação do indivíduo saudável\***

*Ivan Marcelo Gomes\*\**

### **Resumo**

O texto apresenta um relato de uma trajetória acadêmica em torno de pesquisas que tematizam a relação entre corpo, saúde e sociedade. Para tanto, apresenta como os projetos e trabalhos desenvolvidos se articulam com conceitos provenientes do campo das Humanidades. Nesta direção, são apresentados as noções de sociedade de consumidores de Zygmunt Bauman, bioidentidades de Francisco Ortega e reflexões sobre saúde em Hans Georg Gadamer. Tais conceitos são colocados em diálogo para abordar o cultivo ao corpo saudável na sociedade contemporânea, especialmente, a partir de elementos presentes em pesquisas desenvolvidas no Brasil.

**Palavras chave:** Trajetória acadêmica; Corpo; Saúde.

\* Uma primeira versão sintetizada desse texto foi apresentada originalmente na mesa redonda denominada “Educación Física y Cuerpos” no 12º Congreso Argentino y 7º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias, em 2017, na cidade de La Plata/Argentina.

\*\* Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Espírito Santo, Brasil.  
E-mail: [ivanmgomes@hotmail.com](mailto:ivanmgomes@hotmail.com). <http://orcid.org/0000-0002-0311-9651>.

## ***Cuerpo, consumo y bioidentidades: trayectoria de investigación y perspectivas analíticas en la formación del individuo saludable***

### **Resumen**

El artículo presenta un relato de una trayectoria académica en torno a investigaciones que tematizan la relación entre cuerpo, salud y sociedad. Para ello, se presentan los análisis desarrollados gracias a conceptos provenientes del campo de las humanidades, particularmente la noción de sociedad de consumidores de Zygmunt Bauman, de bioidentidades de Francisco Ortega y reflexiones sobre salud desde la perspectiva de Hans Georg Gadamer. Tales conceptos son puestos en diálogo para abordar el cultivo del cuerpo saludable en las sociedades contemporáneas, especialmente a partir de elementos presentes en investigaciones desarrolladas en Brasil.

**Palabras clave:** Trayectoria Académica, Cuerpo, Salud.

## ***Body, consumption and bioidentities: analytical research trajectory and perspectives in the training of the healthy individual***

### **Abstract**

This paper presents an academic trajectory in the of body, health and society research. To do so, it presents how is the articulation between different humanistic notions, as consumer society of Zygmunt Bauman, bioidentities of Francisco Ortega and reflections on the subject of Hans Georg Gadamer. The aim is to think health in contemporary society, especially thinking about Brazil.

**Key words:** Academic trajectory; Body; Health.



## Introdução

Tenho me dedicado nos últimos anos em torno da temática do “culto ao corpo saudável”, ou seja, de uma generalização discursiva, especialmente no campo da Educação Física, de que a felicidade, o viver bem, estariam atrelados a prática de atividades físicas e preocupações nutricionais a partir de uma noção restritiva sobre a saúde. Essa trajetória se constituiu com mais intensidade a partir da tese de doutoramento que finalizei em 2008<sup>1</sup> junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Nela, o foco estava nas proposições, no âmbito universitário e midiático, relacionadas à formação através de orientações e imperativos em torno do “viver bem”, o que denominamos de educação do indivíduo saudável.

Nas considerações finais desta tese apontávamos a necessidade de pesquisas que não se restringissem às proposições, mas que avançassem em relação ao diálogo com o universo empírico, ou seja, entendíamos a importância de interpretar como os indivíduos usavam e monitoravam tais informações em diferentes espaços sociais.

Procurei levar adiante tal empreendimento à partir de minha inserção no Laboratório de Estudos em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (LESEF/UFES) em 2009 e, posteriormente, com minha inserção em 2010 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEF/UFES).

Tais condições propiciaram orientações em torno da temática<sup>2</sup> e isso foi potencializado com a participação como um dos coordenadores do projeto de pesquisa interinstitucional “Políticas de formação em educação física e saúde coletiva: atividade física/práticas corporais no SUS”, envolvendo o LESEF/UFES e os grupos de pesquisa Políticas de Formação em Educação Física e Saúde (POLIFES/UFRGS) e o grupo de pesquisa Educação Física & Saúde Coletiva & Filosofia da USP, entre os anos de 2010 e 2015.<sup>3</sup>

Atualmente continuo com esses interesses nas análises e interpretações das proposições e apropriações destes discursos da vida saudável com o projeto de pesquisa “A educação do corpo e em saúde nos projetos, práticas e narrativas identitárias na região metropolitana de Vitória”.<sup>4</sup> Concomitante a esse projeto, conseguimos, através de um financiamento de cooperação internacional, ampliar nossos diálogos e escopos de análi-

1 Tese intitulada “Conselheiros modernos: propostas para a educação do indivíduo saudável” sob a orientação de Selvino José Assmann e Alexandre Fernandez Vaz.

2 Já em 2012 concluí minha primeira orientação na pós-graduação no PPGEF/UFES denominada “Mais que atividade física: os usos e entendimentos da saúde entre usuários do Serviço de Orientação ao Exercício da Prefeitura Municipal de Vitória” de autoria de Michel Binda Beccalli.

3 Projeto financiado pela CAPES e pelo Ministério da Saúde através do edital nº 24/2010 Pró-Ensino na Saúde. A coordenação do projeto envolvendo as três instituições foi compartilhada com Alex Branco Fraga (UFRGS) e Yara Maria de Carvalho (USP). Para maiores informações do projeto conferir Fraga, Carvalho, Gomes (2012).

4 Projeto de pesquisa iniciado em 2016 e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) através do edital FAPES nº 04/2015 Bolsa Pesquisador Capixaba.



se à partir da parceria com a Universidad Nacional de La Plata com o projeto “Sentidos sobre educação do corpo no Brasil e na Argentina: artefatos culturais e biopolítica<sup>5</sup>”.

Dentro desse panorama, um dos argumentos que acompanham meus trabalhos e algumas pesquisas que oriento junto aos alunos da pós-graduação e da iniciação científica é a de que esse tema pode ser interpretado a partir das relações entre consumo e construções identitárias na sociedade contemporânea.

Assim, neste texto, pretendo apresentar como esses elementos se articulam na sociedade de consumo com o conceito de bioidentidades, desenvolvendo um diálogo entre Zygmunt Bauman e Francisco Ortega e, ainda, como essas reflexões se materializam em pesquisas desenvolvidas no LESEF/UFES. Nesse ínterim, trago à baila uma reflexão sobre o corpo saudável num diálogo com o filósofo Hans Georg Gadamer.

### ***Consumo e bioidentidades: elementos constituintes do indivíduo saudável***

Primeiramente, vale a pena iniciar a discussão com essa longa citação de Bauman.

[...] achamos que a questão da liberdade [...] pelo menos na ‘nossa parte’ do mundo, está concluída e (descontando correções menores aqui e acolá) resolvida da melhor maneira possível; de qualquer forma, não sentimos necessidade (de novo, salvo irritações menores e fortuitas) de ir para as ruas protestar e exigir maior liberdade do que já temos ou achamos ter. Mas, por outro lado, tendemos a crer com a mesma convicção que pouco podemos mudar – sozinhos, em grupo ou todos juntos – na maneira como as coisas ocorrem ou são produzidas no mundo; e acreditamos também que, se pudéssemos mudar alguma coisa, seria inútil e até irracional pensar num mundo diferente do que existe e aplicar os músculos em fazê-lo surgir por acharmos que é melhor do que este aqui. [...] E que liberdade é essa que desestimula a imaginação e tolera a impotência das pessoas livres em questões que dizem respeito a todos? (BAUMAN, 2000, p. 9).

Esse paradoxo é analisado por Zygmunt Bauman para além da mera resignação. A reflexão sobre os dilemas contemporâneos cria possibilidades para que possamos ter alguma chance de exercer nossa liberdade. Esse conhecimento não fornece garantias de mudanças sociais, mas como lembra o autor: “Uma percepção do que faz as coisas serem o que são pode nos dispor a jogar a toalha ou nos instigar à ação” (BAUMAN, 2000, p. 10).

Esse entendimento dos indivíduos em uma perspectiva que não lhes designa à passividade e a submissão oferece um cenário no qual o paradoxo sobre a liberdade se acentua ainda mais. A capacidade de agir - tão enfatizada em tempos de livre escolha e consumo - potencializa as incertezas que os indivíduos terão que enfrentar dentro de determinados limites disponibilizados para tal fim. Para Bauman, essa liberdade apreendida em tempos atuais pelo neoliberalismo cria as condições para que o corpo se torne o centro e o foco de nossos anseios e do nosso empenho. Em outras palavras, um local

5 Projeto financiado pela Secretaria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Espírito Santo (edital Fomento à Cooperação Internacional nº 03/2016). O projeto é coordenado em parceria com o Professor Eduardo Lautaro Galak (CONICET/UNLP).



em que vislumbramos algum sentido em se empenhar para sua defesa e que almejamos algum possível sucesso na empreitada.

O corpo, e no nosso enfoque, a busca pelo corpo saudável, é, então, um elemento central nas construções identitárias contemporâneas que estão atreladas às possibilidades do agir e de escolhas em um momento de intensificação das ambivalências sociais. Seguindo o autor, a identidade não é uma essência e nem um final a ser alcançado, pois é uma tarefa sempre inconclusa em um ambiente cambiante. Entendemos que as propostas disponibilizadas na atualidade para o cultivo de corpos saudáveis passam pela seguinte reflexão baumaniana:

[...] o aumento da liberdade individual pode coincidir com o aumento da impotência coletiva na medida em que as pontes entre a vida pública e privada são destruídas ou, para começar, nem foram construídas; ou, colocando de outra forma, uma vez que não há uma maneira óbvia e fácil de traduzir preocupações pessoais em questões públicas e, inversamente, de discernir e apontar o que é público nos problemas privados [...] Enquanto a arte de tradução se encontra no atual e lamentável estágio, as únicas queixas ventiladas em público são um punhado de agonias e ansiedades pessoais que, no entanto, não se tornam questões públicas apenas por estarem em exibição pública (BAUMAN, 2000, p. 10).

“Ser livre para escolher”, “cada um faz seu estilo de vida”. Essas, entre outras, são expressões rotineiras em nosso cotidiano. Saúde, qualidade de vida e liberdade se entrecruzam em anúncios, manuais de auto-ajuda, discursos políticos, propostas pedagógicas, assim como outros espetáculos integrados oferecidos na contemporaneidade, para lembrarmos aqui da expressão de Guy Debord (2006). O louvor a liberdade se entrecruza com a responsabilização individual no que se refere as ações dirigidas ao corpo e, necessariamente, publicizadas... exibidas.

É aqui que articulamos essas noções ao conceito de bioidentidades difundido no Brasil por Francisco Ortega. Esse conceito tem inspiração nas ascetes gregas, porém, com usos e efeitos inversos na atualidade. Ortega argumenta que o “[...] apelo ao auto-controle e à disciplina visa exclusivamente o controle do corpo. A nossa obsessão com o domínio do corpo, de suas performances, movimentos e taxas substitui a tentativa de restaurar a ordem moral. O corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal [...] As práticas bioascéticas fundem corpo e mente na formação da bioidentidade somática, produzindo um eu que é indissociável do trabalho sobre o corpo” (ORTEGA, 2003, p.67- 68). O autor prossegue dizendo que as “[...] práticas bioascéticas, em contrapartida, são práticas apolíticas e individualistas. Falta nelas a preocupação com o outro e com o bem comum. Perdemos o mundo e ganhamos o corpo. O interesse pelo corpo gera o desinteresse pelo mundo. A hipertrofia muscular se traduz em atrofia social [...]” (2003, p.73).

Essa estratégia, ancorada na ideia de liberdade no consumo, gera o entendimento de que o corpo é a última fronteira a ser defendida. Poderíamos pensar com Bauman em um “corpo-Pátria” na caoticidade contemporânea. Esse esforço individual ancorado em inúmeros especialistas é traduzido “na preocupação com a saúde e a perfeição corporal”.



Esse aspecto foi explorado em minha tese de doutorado. Nela, como dito anteriormente, procurei articular propostas do campo midiático e acadêmico<sup>6</sup> sobre o bem-estar individual e os estilos de vida saudáveis com as mudanças provenientes da sociedade de consumidores e as formas contemporâneas de poder sobre a vida. Trabalhamos com a ideia de que essas propostas para o indivíduo saudável são fornecidas por conselheiros – para utilizarmos a linguagem *baumaniana* – subsidiados por especialistas científicos<sup>7</sup> com a função de realizar ações e apresentar informações e “verdades” (discursos normalizadores) gerando incessantes recomendações – muitas vezes conflitantes – que impulsionam um panorama caótico de escolhas a serem individualmente realizadas. Desta forma, esta tensão de conselhos submete os indivíduos da atual modernidade a uma situação “desejante” e “opressora”. Esse paradoxo pode ser lido por meio da busca pela saúde perfeita (PERRUSI, 2001; LE BRETON, 2003), que coloca os indivíduos diante de diversas (e sempre renovadas) escolhas mercantis para seu deleite e, no mesmo instante, os alerta de que uma escolha errada será de sua exclusiva responsabilidade.

Nas análises verificamos uma semelhança geral entre as duas propostas, ambas baseadas em um ideal de felicidade caracterizado pela ponderação em relação aos excessos modernos e contemporâneos e de uma atitude individual e individualista no tocante ao próprio corpo, com o intuito de o defender – e de o atacar, se for preciso – e o amar ostensivamente.<sup>8</sup> Isso também nos permitiu mostrar como os conselhos acadêmicos e midiáticos fornecem modos de “viver bem”, mesmo estando imersos no caos da liquidez moderna. Eles representam, enquanto semelhantes, mais alguns dos conselheiros e seus conselhos, na retroalimentação proporcionada pela liquidez da vida e da sociedade. A “vida líquida”, uma das descrições das quais faz uso Zygmunt Bauman (2007) para a compreensão da sociedade contemporânea, acentua a precariedade das diferentes formas de agir, o que não necessariamente impede que novos conselheiros apareçam com seus saberes para fornecer o que deve ser feito na esfera privada. Neste sentido, focamos dois discursos normalizadores em um período de incertezas proliferantes.

6 Nesta tese, o campo de pesquisa ocorreu em dois registros vinculados às propostas para a educação do indivíduo saudável: optamos pela análise das propostas presentes no Caderno *Equilíbrio* (suplemento semanal da Folha de São Paulo) e em publicações do NuPAF / UFSC (Núcleo de pesquisa em Atividade Física & Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina).

7 Importa sublinhar que os especialistas científicos legitimam os saberes divulgados por estes conselheiros. Propiciam, assim, formas de vida com um teor universalizante (COSTA, 2004). A busca da legitimidade por meio do discurso científico promove o encontro desses campos, o que não quer dizer que seus conselhos sejam idênticos.

8 No entanto, para além dessa semelhança ou concordância, aparece também uma singular distinção: há maior pluralidade e debate teórico entre os “conselheiros midiáticos” do que entre os “conselheiros acadêmicos”. No *Equilíbrio*, são apresentadas propostas para ações individuais nas quais a noção de “escolhas” é parte fundamental para a felicidade proporcionada pelas diferentes formas de estilos de vida equilibrados. Nos diferentes saberes sobre o que é o corpo saudável – o isso e aquilo presente nas ambivalências corporais – o suplemento confere aos indivíduos a solução dos seus problemas e o alcance de uma qualidade de vida sobretudo no âmbito privado. [...] No NuPAF, as escolhas são mais restritas. A lógica do Núcleo exacerba as preocupações com os comportamentos de risco e as medidas preventivas a serem realizadas. Vale lembrar que as propostas deste grupo de pesquisa não se limitam à esfera privada, pois a atribuição da responsabilidade pelo alcance do corpo saudável também cabe ao poder público, ao Estado, ao mesmo tempo em que o aprimoramento da saúde da nação também serve como justificativa para os argumentos desenvolvidos pelo Núcleo. Talvez, possamos visualizar, com tal perspectiva acadêmica, uma atualização do higienismo, na qual os intelectuais que influenciam o debate público aparecem na forma de professores de Educação Física, os quais procuram redimir equívocos vivenciados socialmente através do modelo da “vida ativa” [...] (GOMES, 2008).



As análises da tese salientaram que as propostas midiática e acadêmica apresentaram mais semelhanças que distinções. Argumentamos que esses discursos transitam no que denominamos como uma popularização da ciência e, de forma correlata, com uma cientificização do cotidiano. As receitas especializadas para o bem-estar e a qualidade de vida apresentadas nos dois campos retrataram uma preocupação em munir indivíduos e populações, representando uma forma de manuais de auto-ajuda, o que denota uma certa lógica de consumo presente nessas propostas. Talvez, possamos perceber aí uma produção para o consumo das necessidades corporais. Várias foram as passagens em que se indicavam as maneiras mais eficazes de viver feliz de maneira saudável. Dicas nutritivas, dicas de beleza, cuidados ambientais, cuidados com a casa, conselhos para a atividade física. Todas referendadas pela ciência e por uma tentativa de se fazer compreendido por indivíduos carentes de informação, mesmo que estes saberes sejam constantemente reavaliados nos diferentes conselhos disponibilizados na sociedade de consumidores. Fato exemplar é o de que as dissertações acadêmicas do núcleo de pesquisa analisado sempre terminavam com “recomendações” a serem executadas por indivíduos, populações ou esferas governamentais e que constantemente reafirmavam suas convicções sobre a importância do estilo de vida ativo.

Mais recentemente, em investigações desenvolvidas em nosso grupo de pesquisa pudemos interpretar como tais elementos se materializam em academias específicas para mulheres com alto poder aquisitivo na qual o corpo é defendido com esforço físico e cuidados nutricionais (CORREIA, 2016). A relação com o consumo foi um ponto destacado nas entrevistas com as mulheres frequentadoras deste espaço. Vários especialistas (conselheiros) são contratados por elas na oferta de serviços personalizados. Concomitantemente, podemos observar também a contratação de nutricionistas e dermatologistas que se vinculam aos discursos de juventude e beleza. Notamos também que a receptividade das alunas em relação aos serviços oferecidos se altera de acordo com o peso corporal das professoras. Desta forma, ser magro passa a ser sinônimo de profissional qualificado e exitoso implicando na credibilidade da “venda” dos serviços oferecidos. No que concerne o corpo, as interpretações das entrevistas permitiram identificar uma forma de equilíbrio de antagonismos, visto que no que tange ao corpo, “[...] por mais que as mulheres se constituam gradualmente como donas de si e protagonistas das suas transformações corporais, o poder normalizador dos modelos de corpo vai de encontro à autonomia conquistada e a edificação destas à sua maneira” (CORREIA, 2016, p.160).

Outra pesquisa analisou em estúdios de tatuagem o mercado de imagens gravadas no corpo no que outrora se vinculava à rebeldia (FIRME, 2013). No entanto, além de mera submissão dos corpos a um padrão mediado pelo consumo, interpretamos que as motivações e sensações que as tatuagens provocam pertencem às percepções de mundo dos tatuados. Como pesquisadores procuramos mapear e divulgar os inventários dos usos do e no corpo, articulando-os com suas raízes socioculturais. Além disso, os textos corporais se apresentaram polissêmicos: “[...] Estilos, formas, cores e saberes foram de muitas maneiras *incorporados*. Corpos coesos, corpos incoerentes; corpos tomados ou corpos modificados sutilmente; corpos embelezados e corpos que intencionalmente querem amedrontar” (FIRME, 2013, p.96). Mas, dialogando com Bauman, uma outra



questão ainda permanece inquietante: em uma sociedade que tem como guia o mercado neoliberal que potencializa a caoticidade do consumo e que expande as diferenças ao gosto do consumidor permite, ainda, identificar formas de transgressão nestas práticas?

Em uma investigação sobre um *reality show* intitulado “Além do Peso”, exibido pela Rede Record, pudemos refletir como em programas televisivos indivíduos obesos são submetidos à ridicularização nacional respaldada por uma suposta fraqueza de caráter exposto num corpo que deve ser desprezado (FERREIRA, 2015). Nossas reflexões se basearam nas distintas estratégias utilizadas pelo programa para controlar as medidas corporais de cada participante. A partir das análises, o estudo se concentrou em dois eixos interpretativos: os discursos do programa em relação a educação do corpo obeso e a privatização do sofrimento nos discursos do “Além do Peso”. No primeiro eixo apresentamos a tentativa de enquadramento do corpo obeso ao modelo considerado correto pelos padrões midiáticos de beleza e que se materializavam através da prática de exercícios físicos e da alimentação saudável como principais recursos na construção de um novo corpo, o que consideramos como uma prática exemplar do que denominamos anteriormente como bioidentidades. No segundo eixo “[...] enfatizamos a privatização do sofrimento vivenciado pelos participantes dentro e fora do contexto do *reality* e estabelecemos, também, uma articulação do sofrimento a um discurso de insensibilidade moderna que exalta [o cultivo ...] corporal como forma de sucesso pessoal” (FERREIRA, 2015, p.19).

Ou, ainda, em pesquisas que investigam políticas públicas instrumentalizadas através de programas virtuais que são como uma dimensão biopolítica da sociedade de controle (ABIB; GOMES, 2017), tendo em vista suas recomendações referentes ao “[...] *automonitoramento de saúde física e psíquica, verdadeiros manuais de auto-ajuda para a vida sexual, alimentar, neuronal, mas também afetiva, econômica, social etc. [...]*” (PELBART apud MAIA, 2003, p.106).

Desta forma, paradoxalmente, tamanho valor ao corpo, produz na mesma e crescente proporção mais ansiedades e desconfortos que nos impulsionam em uma corrida que nunca alcança a linha de chegada e assim: “Não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação” (ORTEGA, 2003, p.73). Em outra pesquisa desenvolvida em nosso grupo vimos que até as reivindicações sociais passam pelo corpo. Em um Coletivo de mulheres negras a luta pela sua afirmação passava pelo cultivo de uma determinada estética negra, mas balizada pelo discurso e pela prática do consumo de mercadorias direcionadas para tal público (CARNEIRO, 2017). Se pensarmos com Bauman: o discurso da liberdade no contemporâneo convive com as ambivalências corporais. O corpo negro é mais um nicho mercantil e não algo a ser desprezado.

Todas essas práticas se apoiam nas escolhas identificadas com os estilos de vida individuais e sua conseqüente responsabilização. Em torno das inúmeras possibilidades apresentadas aos indivíduos para esses cuidados é comum a seguinte recomendação: manter o equilíbrio e a moderação. Mas essa é uma tarefa árdua em tempos que exigem um olhar e uma escuta incessante em relação à saúde corporal e o bem-estar. É justamente neste ponto que pretendo inserir nesta discussão breves reflexões a partir de interpretações do livro de Hans-Georg Gadamer intitulado “O caráter oculto da saúde” publicado na Alemanha em 1993.



### *Ampliando o olhar na formação do indivíduo saudável*

Gadamer diz que “[...] a melhor maneira para entender o que seja saúde é imaginá-la como um estado de equilíbrio”. Engana-se quem considera que o autor da frase esteja defendendo uma padronização do indivíduo saudável. Esse argumento foi extraído de um texto na qual o autor realiza uma crítica à padronização efetuada pela ciência, mais especificamente à medicina moderna. Sigamos o autor:

[...] Claro que é possível estabelecer valores padrões para a saúde. Mas quando, por exemplo, se quisesse impor esses valores padrões a uma pessoa saudável, o que conseguiríamos seria, antes, deixá-la doente. Habita, pois, na essência da saúde manter-se dentro de suas próprias medidas. A saúde não permite que valores padrões, transferidos ao caso singular com base em experiências médias, se imponham, pois isto seria algo inadequado (GADAMER, 2006, p.113).

A busca de equilíbrio apontada pelo autor seria uma forma de resistência perante a cultura científica da era moderna que automatiza a vida individual. Gadamer salienta:

Agora chego a uma conclusão para todos nós [...] Todos nós devemos tratar de nós mesmos. A meu ver, trata-se do trágico destino de nossa civilização moderna o fato de o desenvolvimento e a especialização de ser-capaz-de-fazer científico e técnico terem paralisado nossa força para o autotratamento. Temos de reconhecer isso no tão transformado mundo atual. Eu sei bem estimar o papel desempenhado pela medicina moderna. Ela nem sempre trata apenas de curar, mas, frequentemente, de manter a capacidade de trabalho do paciente. São coercitidades de nossa existência em uma sociedade industrial, as quais nós todos temos de aceitar (idem, p. 107).

A aposta de Gadamer volta-se então para o autotratamento que implica na tarefa de escuta de nós mesmos. Essa forma de prevenção seria decisiva em uma sociedade industrial tecnificada, visto a necessidade de “[...] *aprendermos a reavivar as forças com as quais se conserva e se recupera o equilíbrio, o apropriado, o que é para mim apropriado, o apropriado para cada um*” (GADAMER, 2006, p.107). Essa auto-escuta está articulada com o “caráter oculto da saúde”. Essa expressão *gadameriana* é explicada da seguinte forma:

Apesar de toda a ocultação, ela se revela num tipo de bem-estar e, ainda mais, quando nos mostramos dispostos a empreendimentos, abertos ao conhecimento e podemos nos auto-esquecer, bem como quando quase não sentimos mesmo fadigas e esforços – isso é saúde. Ela não se constitui numa preocupação cada vez maior consigo mesmo, dada a situação oscilante do nosso bem-estar, ou muito menos em engolir pílulas repugnantes (GADAMER, 2006, p.118).

Adiante, o autor reforça: “[...] seria quase ridículo se alguém perguntasse: ‘Você se sente com saúde?’ É que saúde não é, de maneira alguma, um sentir-se, mas é estar-aí, estar-no-mundo, estar-com-pessoas, sentir-se ativa e prazerosamente satisfeito com as próprias tarefas da vida” (GADAMER, 2006, p.118). Recentemente, finalizamos uma



pesquisa etnográfica em uma praça pública e ouvimos das pessoas que usufruíam dos equipamentos disponibilizados naquele lugar de que o motivo que estavam ali não era vinculado à saúde (PEREIRA, 2017). No entanto, foi recorrente a afirmação de que o importante era o estar junto com outras pessoas fazendo uma prática que para eles tinha sentido. Não estavam ali por uma prescrição médica, mas estar ali compartilhando atividades revelava esse caráter oculto da saúde.

Porém, se levarmos em conta as ambivalências das práticas contemporâneas, não podemos desconsiderar que o equilíbrio e “o apropriado para cada um” parece resvalar para uma nova significação e uma nova ênfase presente na sociedade de consumo. A necessidade de escuta é convertida em um auto-exame minucioso na qual a pergunta “Você se sente com saúde?” é lembrada a todo instante para os indivíduos pelos diversos conselheiros da qualidade de vida e outros dispositivos de controle.

A objeção de Gadamer frente à “preocupação cada vez maior consigo mesmo” é transformada em um imperativo da saúde, ou em outras palavras, em um lema da educação do corpo saudável. A obsessão pela saúde é um dos ícones cultivados pelos modelos visualizados na modernidade sinóptica. Desta maneira, a auto-escuta se metamorfoseia em olhar vigilante, reescrevendo assim – de maneira distinta - as preocupações de Gadamer: a saúde se baseia em um belo modelo a ser seguido. Bauman reforça este argumento ao dizer que:

[...] Os grandes e famosos (grandes porque famosos) não mais aspiram ao poder pastoral e por isso não oferecem mais instrução em matéria de virtudes públicas; o último serviço que podem prestar ao antigo rebanho é expor suas próprias vidas para que os outros admirem e também para que desejem e tentem imitá-las (BAUMAN, 2000, p.77).

Manter o equilíbrio e a moderação em tempos que exigem um olhar e uma escuta incessante em relação à saúde corporal e o bem-estar tornam-se uma tarefa árdua. Francisco Ortega contribui com esta discussão ao afirmar que:

A saúde deixou de ser a “vida no silêncio dos órgãos”, usando a expressão feliz de Leriche. Ela exige autoconsciência de ser saudável, deve ser exibida, afirmada continuamente e de forma ostentosa, constituindo um princípio fundamental da identidade subjetiva. A Saúde perfeita tornou-se a nova utopia apolítica de nossas sociedades. Ela é tanto meio quanto finalidade de nossas ações. Saúde para a vida. Mas também viver para estar em boa saúde [...] (ORTEGA, 2004, 14).

Esta exigência – de equilíbrio e de moderação - é ainda mais difícil na atualidade face aos distintos interesses que envolvem a vida. Para Pelbart a “[...] defesa da vida tornou-se um lugar comum. Todos a invocam, desde os que se ocupam da manipulação genética até os que empreendem guerras planetárias [...]” (2003, p.13).

Ortega reforça esta discussão ao apresentar a “autoperitagem” como uma característica fundamental das bioidentidades. O temor de Gadamer comentado anteriormente (“[a saúde] não se constitui numa preocupação cada vez maior consigo mesmo”) é potencializado através do discurso do risco, implicando, nas palavras de Ortega (2003, p.64-5), na “[...] constituição de um indivíduo responsável que orienta suas escolhas



comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o desvio aos riscos”. Mais adiante o autor complementa: “[...] nas modernas bioasceses e tecnologias do self, o corpo obtém um novo valor. Na sua materialidade sofre um desinvestimento simbólico: já não é o corpo a base do cuidado de si; agora o eu existe só para cuidar do corpo, está a seu serviço” (ORTEGA, 2003, p.69).

Por fim, quero ressaltar que essas reflexões compõem, no argumento aqui desenvolvido, um cenário em que as construções identitárias - bioidentitárias - estão sustentadas por uma pragmática do comprar e da descartabilidade corporal. Se pensarmos com os conceitos baumanianos, estaríamos vivendo a benção confusa da liberdade do consumo que se materializa na privatização da ambivalência corporal.

## Referências

- ABIB, Leonardo Trápaga; GOMES, Ivan Marcelo. Análise dos enunciados do Movimento 21 dias por uma vida mais saudável. In: **Anais do XX Congresso Brasileiro e VII Internacional de Ciências do Esporte**. Goiânia. XX Congresso Brasileiro e VII Internacional de Ciências do Esporte, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BECCALLI, Michel Binda. **Mais que atividade física: os usos e entendimentos da saúde entre usuários do Serviço de Orientação ao Exercício da Prefeitura Municipal de Vitória**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2012.
- CARNEIRO, Gustavo Marchetti Corrêa. **Corporeidade, consumo e identidades políticas: estratégias de empoderamento feminino negro realizadas pelo Coletivo das Pretas na cidade de Vitória/ES**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.
- CORREIA, Camila Rissari. **O corpo feminino no contemporâneo: compreensões a partir de frequentadoras de uma academia para mulheres de Vitória/ES**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DEBORD, Guy. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. In: DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- FIRME, Bernardo Sant’anna Medice. **Do fora à pele: notas de uma presença estranha em um estúdio de tatuagem**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2013.
- FERREIRA, Lorena Nascimento. **Reflexões sobre a educação do corpo obeso no contexto midiático: uma análise do programa “Além do Peso” na Rede Record de Televisão**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015.
- FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria de; GOMES, Ivan Marcelo. Políticas de formação em educação física e saúde coletiva. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 367-386, nov. 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- GOMES, Ivan Marcelo. **Conselheiros modernos: propostas para a educação do indivíduo saudável**. Tese (Doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.



LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas,SP: Papyrus, 2003.

MAIA, Antônio Cavalcanti. Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In: NOVAES, Adauto (org.) **O homem máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.77-108.

ORTEGA, Francisco. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. In: **Interface – Comunic., Saúde, Educ.** vol. 8, nº14, set.2003 – fev.2004. p.9-20.

ORTEGA, Francisco. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. In: **Cadernos Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 11(1), 2003. p.59-77.

PEREIRA, Lucas Poncio Gonçalves. A educação do corpo e saúde: os usos de um espaço público na cidade de Vitória. In: **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

PERRUSI, A. Utopia da saúde perfeita: a nova ideologia do corpo na modernidade. In: **Soma – Revista Eletrônica Multidisciplinar**. nº 1, Foz do Iguaçu, 2001.

### *Sobre o autor*

#### **Ivan Gomes**

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC). Professor do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do CEFD/UFES. Bolsista Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (edital 04/2015 FAPES).

